

Tupy cria novos cursos

por Daisi Irmgard Vogel
de Joinville

A Escola Técnica Tupy (ETT), de Joinville (SC), está comemorando 30 anos com 14 mil alunos formados e disposta a preservar o conceito de escola-modelo na formação de técnicos de nível médio (2º grau) reconhecimento que lhe é concedido desde a década passada pelo Ministério da Educação.

Para tanto, está concluindo, no final deste ano, a implantação do Centro de Mecânica de Precisão de Joinville (CMPJ), um laboratório especializado em pesquisas, projetos e formação educacional que funcionará juridicamente separado, mas inserido no campus da ETT e na mesma administração geral.

Da mesma forma, consolidou-se em início de julho último a primeira turma do mais novo curso oferecido pela escola, o de técnico em plásticos, um projeto amparado pelas necessidades e suporte financeiro de companhias catarinenses privadas do setor. A ETT configura, assim, cinco cursos de nível técnico, nas áreas de mecânica, metalurgia, processamento de dados, segurança no trabalho e, agora, plásticos.

"Nossa disposição é de não adormecer sobre o conceito de escola-modelo e aprimorar o aspecto que é primordial no desenvolvimento da atividade de formação de técnicos: a interface entre a ETT e a empresa privada", afirma o professor Sylvio Snieckowski, presidente do colegiado que administra a ETT e o CMPJ, a Sociedade Educacional de Santa Catarina (SESC).

A iniciativa de começar a formar técnicos na área de plásticos é um dos resultados dessa relação com a empresa privada. "A ETT busca nas necessidades da indústria e sua comunidade os caminhos para seu trabalho", confirma Carlos Medeiros, assessor da vice-presidência do grupo Hansen, maior fabricante nacional de tubos e conexões de PVC.

A HISTÓRIA

Esse entrosamento entre as fábricas e a escola é pe-

culiar à ETT desde sua fundação, em 1959. Ela foi criada dentro da Fundação Tupy, hoje a maior fundação independente da América Latina e principal empresa do grupo empresarial Tupy (Joinville), para formar os técnicos que a empresa necessitava em suas atividades metalúrgicas no período de formação da indústria automobilística nacional.

A crise do petróleo no primeiro quinquênio da década de 80 levou a ETT a uma situação de semi-insolvência. Foi quando se formalizou a criação de uma grande sociedade para dirigir e manter a escola, a SESC, que traça as diretrizes da escola. Atualmente, são mais de oitenta companhias privadas que, junto a entidades públicas e privadas, ajudam a manter a ETT.

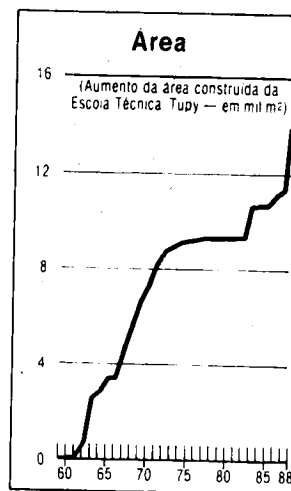
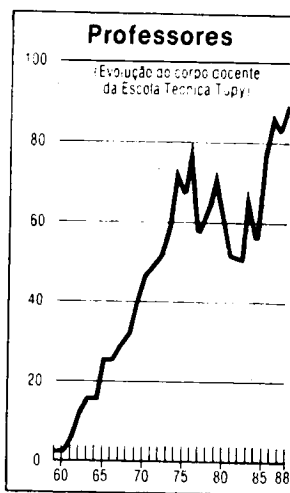
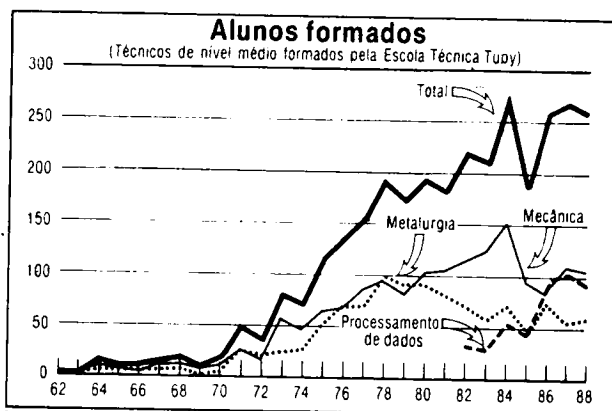
A EMPRESA

No conselho deliberativo da SESC estão vinte empresários e mais o presidente da Associação Comercial e Industrial de Joinville (ACIJ), o presidente da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC), o diretor do Senai/SC, o diretor do Senai nacional e um representante da Secretaria Estadual da Educação.

Este conselho misto é indicado pelo professor Snieckowski como um dos responsáveis pela constante modernização da escola, acompanhando a modernização fabril.

O professor Jose Maria Merlim, diretor da escola, por sua vez, destaca as atividades da ETT na prestação de serviços e assistência técnica especializada a terceiros. As pequenas unidades fabris laboratoriais da escola produzem peças fundidas em séries pequenas, fazem análises e testes em materiais, executam tratamentos térmicos de ferramentais, constroem ferramentas e fazem projetos mecânicos. São quatrocentas companhias privadas que, há 20 anos, buscam apoio técnico e serviços na ETT.

"Estas atividades criam desafios ao docente, treinando-o e mantendo-o permanentemente dentro de uma condição real. O ensino também se torna mais



motivado e a escola, por outro lado, faz produzir o tempo normalmente ocioso de seus equipamentos, proporcionando geração própria de recursos", diz Melim.

A RECEITA

Os serviços a terceiros respondem por 40% da receita da ETT. As contribuições de empresas e entidades arcam com 20%, 10% vem do Senai, 10% ingressa por injeção de órgãos públicos e 20% tem origem na mensalidade dos alunos, que pagam 30% do custo real do curso, orçado em US\$ 900 por ano cada aluno.

"É um custo muito abaixo da média", afirma o empresário Norberto Cubas da Silva, presidente da Metalúrgica Wetzel (Joinville) e membro do conselho diretor da SESC. Estima-se que os custos de um aluno da ETT somem apenas por volta de 12% dos custos de um aluno de universidade brasileira.

Raul Schmidt, presidente

do grupo empresarial Tupy, que acompanhou a ETT desde a sua criação e que até o ano passado presidiu a SESC, diz que a escola é modelo pela sua estrutura, com conselho técnico consultivo, que permite que o comprador, o empresário, diga o que, quando e como deve ser ensinado, determinando a ação. "Nós temos compromisso de mantê-la uma escola-modelo, com permanente contato com outras entidades de ensino e pesquisa no País e no exterior", afirma.

Schmidt reforçou a esse jornal a característica da ETT de poder faturar serviços, um aspecto raro em outras escolas, e diz que o resultado da preocupação em formar "não apenas técnicos mas homens integrais, cônscios de seus direitos e deveres como cidadãos", pode ser testado na disputa que as empresas fazem para assimilar os estagiários da escola, no quarto ano de aula.